

"Valeu viver Brasília e fazer o CORREIO"

Ronaldo Junqueira — Afinal, quem decidiu fazer o CORREIO BRAZILIENSE e como isso aconteceu?

Edilson Varela: Assis Chateaubriand que era aquele homem gênio que nós todos já conhecemos, tinha horror a Brasília e sempre que se falava em Juscelino ele dizia que ele era um tonto, um louco com esse negócio de Brasília, mas eu fui a Goiânia para inaugurar os novos transmissores, a nova sede da Folha de Goiás e Chateaubriand resolveu ir. Passou lá três dias e toda vida que se falava em Brasília ele virava uma fera, achava que era loucura do Juscelino. A raiva dele era tão grande que nessa época nós resolvemos lançar a pedra fundamental do CORREIO BRAZILIENSE aqui em Brasília e o Chateaubriand com raiva saiu de Goiânia e foi para o Rio.

Ari Cunha: Chateaubriand não esteve presente ao lançamento, não é?

Edilson Varela: Não, não esteve. Ari Cunha: Mas isso tudo começou quando ele disse para o Juscelino, quando estava em Londres: Se o senhor inaugurar a capital...

Edilson Varela: É, ele estava em Londres e resolveu disputar com Juscelino se ele inaugurasse Brasília no dia 21 de abril ele garantia ter um jornal e uma televisão em Brasília. Bom, estávamos em Londres, conversando com Chateaubriand e com o Embaixador do Brasil e ele começou a insistir em botar aqui um jornal e uma televisão. Nessa época eu era encarregado também do concurso de Miss Brasil e tinha ido a Londres, em 1959, para participar do concurso e Chateaubriand mandou que eu me hospedasse na embaixada e eu me hospedei lá. Certa noite ele disse: Meu filho, convide aí a Sra. Sheila Parmel para ser madrinha da televisão em Brasília. Eu olhei para ele meio espantado e disse: Dr. Assis, eu estava pensando era num jornal. Bom, eu convidei a Sra. Sheila para ser madrinha da televisão em Brasília. E, mudando a história para jornal, quando eu voltei para o Brasil ele tinha mandado um telegrama para o Calmon para ele arranjar dinheiro para montar o jornal e a tevê em Brasília. E aí começamos os amores do Chateaubriand pela obra de Juscelino. Muito bem, voltando ao Brasil usemos mãos à obra, não havia dinheiro, não havia nada. A única coisa que havia era a Folha de Goiás que era em Goiânia, mas nós viemos para cá, eu e o Nereu, para instalar a TV de Brasília em Goiânia e essa coisa foi andando, andando, isso era novembro de 1959. Certa altura, então, Calmon falou que aquilo era uma loucura, não podia fazer uma tevê muito menos um jornal no cerrado com 3 meses de prazo aí eu disse: Estou só cumprindo ordens, não sei se vai dar ou não. Vinha para cá toda semana. Eu, o Nereu e o Dr. Braga que morava em Goiânia que prestou alguns serviços. Um serviço engraçado do Braga foi o seguinte: o Chateaubriand voltando ao Rio disse para mim: Meu filho, onde é que o Braga arranjou tanto indio?

Ari Cunha: Aí há um detalhe que eu quero só esclarecer. Nós inauguramos em setembro o prédio da Folha de Goiás e as novas instalações e o transmissor da rádio e todos os diretores dos Diários Associados estavam lá. E o Braga fez uma festa, até o Dr. Assis fez um discurso que jogou álcool no chão, tocou fogo e dizia: Aqui é o novo Caramuru em Goiás e fez aquele escândalo todo e o Braga tinha organizado uma festa com os índios tocando. Como não tinha índio o Braga reuniu o pessoal da construção civil, vestiu de índio, todos de bigode aparado, de costeleta e o Chateaubriand ficou danado com isso.

Edilson Varela: No Rio ele me perguntou: O Braga arranjou tanto indio! E eu respondi: É Dr. Assis, é que ele queria homenagear o senhor. Era quase impossível empreender a obra porque faltava três meses para a inauguração de Brasília, como que nós íamos montar o jornal e a tevê? Mas o milagre aconteceu. Calmon arranjou o dinheiro. Ele deu ordem às empresas para ajudar com material e equipamentos. Então trouxemos equipamentos de Recife, de São Paulo.

Ari Cunha: A rotativa era para Campos e estava no Rio. Era para o "Monitor Campista". Ronaldo Junqueira: E foi "sequestrada" para Brasília. Edilson Varela: É, também aconteceu com os linotipos. Conseguimos cinco linotipos nevilhas e mandamos num caminhão para vir para Brasília. A rotativa, nós compramos de um senhor que era o representante e demorou muito tempo para a gente pagar. Afinal de contas, veio também a rotativa para Brasília. Montamos e começamos a fazer o prédio sem direito, sem nada, com recursos que vinham de Minas e tal.

Ari Cunha: O Gilberto Faria ajudou muito. Edilson Varela: É verdade, ajudou muito e foi o assinante nº 1 do CORREIO. Passou a receber o jornal até hoje. Quando Chateaubriand soube dessa história achou muito bom. Ele se apaixonou por Brasília, aí quis fazer um museu, um centro de cultura sobre Brasília, ele ficou enlouquecido por Brasília. Um dia ele resolveu visitar Brasília. Já tinha o CORREIO BRAZILIENSE, isso no primeiro ano, ele visitou a torre de televisão e ele trouxe a D. Sheila pra

cá, eu não sei se foi na primeira vez.

Ari Cunha: Não, na primeira vez foi a inauguração e foi o Calmon que veio com ela. Aí tempos depois ela veio ao Brasil e veio visitar novamente a TV Brasília.

Ronaldo Junqueira: Mas essa primeira vez que Chateaubriand veio aqui foi com o jornal funcionando ou ele veio durante a obra, a construção?

Ari Cunha: Durante a obra ele veio na visita do Eisenhower.

Ronaldo Junqueira: Mas ele veio de cadeira de rodas?

Ari Cunha: Ele sentiu a doença aqui. Aí viajou para o Rio e na noite que ele chegou lá ele adoeceu.

Edilson Varela: Apesar da Cadeira de rodas ele não deixou de ficar empolgado por Brasília, da segunda vez então foi melhor, pois a coisa estava mais ou menos engrenada. Um dia o Chateaubriand veio para cá e sobrevoou Brasília, depois pedi para ir até a obra. Foi até a tevê, mas não achou a obra do jornal. Houve muitos fatos pitorescos nesta empresa. O Ari mesmo sabe de muita coisa engraçada. Essas obra foi feita sem dinheiro. E para fazer obra sem dinheiro... Uma vez o que nós fizemos foi tentar ligar Brasília ao Rio por microondas sem ter nada.

Ari Cunha: Isso era para transmitir a imagem da inauguração.

Edilson Varela: Encarregamos o Igor, que morreu, era um engenheiro russo, brasileiro há muitos anos, de fazer a ligação. Então ele saía pelas serras jogando comida para o pessoal que estava em terra, construindo as torres de microondas. E o Vitor Purri que é outro que estava aqui. Ele era um sujeito mais refinado fez uma cantina na obra da tevê que tinha uma porção de coisa muito boa. Depois disso aconteceu a briga, porque o vitor colocava muito azeite e o pessoal do jornal passava mal. Uma vez ele me mandou um bilhete, que era impossível conviver com esses famintos que estavam rondando o nosso acampamento em busca de um prato de comida, que era um absurdo aquilo.

Ronaldo Junqueira: Os famintos eram os encarregados da obra do jornal?

Ari Cunha: Não, isso era interessante, era um pessoal que trabalhava no campo, então ia daqui para Luziânia, Paracatu, para todo caminho até Belo Horizonte e vez por outra eles vinham a Brasília para reabastecer e quando chegavam, procuravam o acampamento. Eles chegavam à noite e comiam todo o estoque de comida aí o Vitor dizia: Edilson, chegam aqui esses famintos rondando o acampamento em troca de um prato de comida!

Ronaldo Junqueira: Mas passado esse pioneirismo, o senhor acreditava naquela época que o jornal ia ser o que é hoje?

Edilson Varela: Eu sempre acreditei no jornal, sempre tive muito entusiasmo, não estava pensando em televisão nem em rádio e fizemos o jornal. Agora que ele chegasse ao que é hoje com todo o progresso, com entusiasmo de todo mundo, não cheguei a pensar que nós atingíssemos isso. Mas fizemos.

Ronaldo Junqueira: E a cidade? A história do CORREIO BRAZILIENSE e da cidade são muito integradas. O senhor disse que o CORREIO BRAZILIENSE superou as suas expectativas. E a cidade, o que o senhor acha hoje?

Edilson Varela: A cidade também, embora com muitas modificações feitas em consequência de algumas alterações, eu me lembro que o Artur da Costa e Silva uma vez passando numa superquadra dizia: "Temos que ver isso com urgência senão mudo de novo para o Rio".

Ronaldo Junqueira: O senhor acredita que realmente essa cidade correu o risco de mudar de volta para o Rio?

Edilson Varela: Correu muito, não foi, Ari?

Ari Cunha: Muitas vezes.

Edilson Varela: Primeiro, que ninguém era de Brasília e, depois, João Goulart e Maria Tereza achavam isso aqui horrível. Ele não queria mudar. O pessoal das repartições que tinham mudado para cá estava doído para voltar. E a gente, de madrugada, fotografava os caminhões cheios. O CORREIO BRAZILIENSE cobria as pessoas mudando escondido.

Ronaldo Junqueira: Mas o senhor nesse período, todos nós sabemos disso, foi contra muitas coisas na cidade, inclusive a venda dos imóveis funcionais. Agora que essa venda está acontecendo, o senhor acha que isso é uma prova definitiva de que a cidade mudou? Da consolidação da cidade?

Edilson Varela: Eu acho que não é isso não. Quanto aos imóveis eu fui contra e continuo contra. Mas não tem nada a ver uma coisa com outra. O Felinto Epitácio Maia, que foi um grande mudancista, nessa época ele também pensava como eu.

Ronaldo Junqueira: Felinto Epitácio Maia cuidava de quê?

Ari Cunha: Ele era diretor do GTB.

Ronaldo Junqueira: E ele pensava em vender esses imóveis?

Edilson Varela: Não, ele era contra. Era um grande mudancista, um sujeito muito empreendedor, muito capaz e eu não sei se Felinto tivesse ido embora a cidade tivesse mudado.

Ronaldo Junqueira: Agora, essa questão da história da cidade é muito con-

LUÍZ TAJES



Edilson Varela: pioneiro, fundador do CORREIO. Trinta anos que lhe valeram respeito

trovertida. O papel do regime militar. Se dizia e se diz até hoje que com o regime militar, Brasília foi muito mudada, que Brasília é uma cidade autoritária, que tem muitos defeitos.

Edilson Varela: Mas o fato é que os militares ajudaram muito a fixar Brasília porque eles chegaram e disseram: "Brasília é a capital e acabou".

Ronaldo Junqueira: Apesar de ser um projeto do Niemeyer?

Edilson Varela: Apesar de ser um projeto do Niemeyer. Ronaldo Junqueira: O senhor acha que Lúcio Costa e Niemeyer erraram ou acertaram mais?

Edilson Varela: Eu acho que eles acertaram, embora tenha muita coisa aí meio estranha, mas acertaram. A prova disso é que até hoje se discute esse problema de Brasília e até hoje, quando a gente começa a discussão sobre o assunto, as coisas estão certas.

Ronaldo Junqueira: Agora, o senhor acha que a cidade nos próximos anos vai degenerar, não vai se tornar uma cidade de cinco, seis milhões de habitantes, uma coisa louca?

Edilson Varela: Uma vez o Lúcio Costa me disse que tentaram estragar Brasília mas não conseguiram e agora não há mais perigo.

Ronaldo Junqueira: Por que o senhor nunca fez política aqui?

Edilson Varela: Porque eu nunca fiz também em outros lugares. Nunca fiz no Rio Grande do Norte, nunca fiz no Rio que eu tenho prestígio.

Ronaldo Junqueira: mas o senhor nunca esteve morando numa cidade onde o senhor tivesse um relevo, uma importância como aqui. E o senhor foi convidado várias vezes para entrar na política.

Edilson Varela: Fui, mas eu nunca me envolvi com a política.

Ronaldo Junqueira: É sabida também, sua opinião contrária às eleições em Brasília. Será que não foi por isso que o senhor nunca se entusiasmou de fazer política aqui?

Edilson Varela: Não, eu sempre fui contra eleição em Brasília e continuo contra.

Ronaldo Junqueira: O senhor nunca usou o jornal para fazer campanha contra a eleição. Por quê?

Edilson Varela: Porque isso a gente encontra dificuldades pela frente e fica mais silencioso sobre esse assunto.

Ari Cunha: E, e nós nunca usamos o jornal para ser a favor da nossa ideia contra a eleição porque sempre achamos que o jornal era uma voz da cidade, era o espelho, a expressão da comunidade. Então, muitas vezes, embora não concordando, nós fazíamos toda a cobertura do assunto.

Ronaldo Junqueira: Agora, do ponto

de vista político, o que o senhor acha, qual o momento mais difícil que o jornal viveu nesses 30 anos?

Edilson Varela: Foi no tempo da ditadura, no tempo do Falcão, no tempo do Médici, no tempo da censura. Do capitão da censura. É, ele nunca tinha entrado num jornal e depois o Ari jogou um calhamaço de originais em cima dele e ele ficou sem saber o que era aquilo. Ah, mas isso aqui não pode sair. Ah, não? Então, está bom. Isso aqui já pode sair. Então, vamos lá. Uma vez o coronel D'Aguiar me telefonou: "Edilson, o que aconteceu com o jornal? Está cheio de buraco!"

Ari Cunha: O capitão que veio fazer a censura não tinha o menor contato com a imprensa, aí, ele queria ver o jornal já pronto e nós tirávamos, naquela época se chamava uma prova de escova, era a composição de linotipo, passava a tinta, botava o papel, passava uma escova, aí, ele abria e lia as matérias. Aí, ele foi cortando o que podia e o que não podia. De madrugada, nós dissemos a ele que não dava mais tempo para compor e fudo, só se virasse, aí ele disse: "Não pode é sair". Eu digo: Então, vamos virar. Pegamos a linha de linotipos e viramos para sair a impressão do avesso, com aquelas bolinhas e tal, mas foi assim que o jornal saiu um ou dois dias. O D'Aguiar ficou escandalizado, ligou para o Edilson, foi no tempo do Médici.

Ronaldo Junqueira: Agora, sobre a cidade, o senhor acha que não corremos o risco de desvirtuar a cidade?

Edilson Varela: Não.

Ari Cunha: O jornal salvou muita coisa nessa cidade. Inclusive, onde é hoje o Parque da Cidade houve um governador, o Hélio Prates, que ali queria instalar um conjunto de superquadras. Foi feito um projeto para instalar superquadras. E o jornal foi quem impediu.

Edilson Varela: Mas tem muitas coisas boas que o jornal viveu. Uma vez nós tivemos que fazer clichês na Cidade Livre porque não tinha água aqui.

Ari Cunha: Mas esse jornal teve umas coisas interessantes. Houve uma época em que os embaixadores apresentavam credenciais ao Presidente, vinham fazer uma visita ao jornal e tinha um mastro que todo embaixador, antes de vir fazer a visita, a embaixada mandava a bandeira do país dele. Depois é que terminava a solenidade.

Ronaldo Junqueira: Então, foi por isso que o Edilson começou a gostar muito desse negócio de embaixada, de recepção?

Edilson Varela: Não, pode ter sido, mas naquele tempo. Porque naquele tempo era obrigatória a visita ao CORREIO BRAZILIENSE, nós os ajudávamos muito, então, todo mundo tinha que passar por aqui. Depois a cidade cres-

ceu, mas nós ajudamos muito a fixação das embaixadas.

Ronaldo Junqueira: O senhor continua otimista com a cidade?

Edilson Varela: Sim, apesar das eleições e da venda dos imóveis funcionais.

Ronaldo Junqueira: É interessante sua resistência às eleições...

Por que o senhor nunca se meteu em outros negócios nessa cidade? O senhor teve a cidade inteira à sua disposição.

Edilson Varela: Eu tenho a impressão que foi burrice. Mas é que eu era apaixonado pelo jornal, como o sou, ainda hoje. Mas eu nunca realmente acreditei que o jornal tivesse esse desenvolvimento tão grande levando com ele a cidade, então, eu fui ficando só com o jornal. Mas foi uma opção de vida e às vezes tenho discussões com minha mulher por causa disso. Ela diz: "Todo mundo ficou rico e você pobre".

Ronaldo Junqueira: Mas o senhor está feliz assim?

Edilson Varela: Estou, claro. Isso é que é importante.

Ronaldo Junqueira: Mas o senhor sabe, eu acredito que boa parte do prestígio que o jornal alcançou foi pelo fato do senhor manter esse tipo de atitude, quer dizer, na minha opinião pessoal, eu acho que o jornal não pode ficar nessa retração que acontece com o resto da cidade. Mas houve um período em que foi muito importante essa atitude do senhor. Não concordo com ela hoje da mesma forma que o senhor não concorda com a venda dos apartamentos. Eu não concordo que essa atitude hoje deva prevalecer. Mas houve um período que ela foi importantíssima. Agora, o senhor nunca esperava acordar um dia e saber que mil e cem pessoas esperam o salário e nem imaginou que ia ter um prédio desse tamanho aí na frente? (A nova sede).

Edilson Varela: Não. E isso faz parte das surpresas que eu recebi, porque eu não acreditava. Bom, aconteceu.

Ronaldo Junqueira: Quer dizer que o jornal continua mantendo a capacidade de surpreender?

Edilson Varela: É lógico.

Ronaldo Junqueira: Por que o senhor nunca trouxe a sua família para trabalhar no jornal?

Edilson Varela: Eu tenho duas filhas. Uma delas veio morar em Brasília e duas semanas depois foi embora. Tinha casado há pouco e não aguentou. A outra foi fazer um curso nos Estados Unidos.

Ari Cunha: Durante muito tempo, mesmo superintendente em Brasília, o Edilson era gerente no Rio, superintendente em Natal, Goiás e Campos. Saía muito daqui.

Edilson Varela: Mas contribuí, sem falsa modéstia, com uma obra (o jornal) em Brasília, que com o tempo foi se fixando, melhorando.

Ronaldo Junqueira: O senhor tem inimigos?

Edilson Varela: Acho que não.

Ronaldo Junqueira: É amigos, o senhor tem muitos?

Edilson Varela: Amigos, também não tenho muitos não.

Ronaldo Junqueira: Mas aí o senhor acha que é em função do jornal ou é porque o senhor é uma pessoa retraída?

Edilson Varela: Não, eu me escondo demais às vezes. Sou modesto. Minha vida é isso. Agora eu não estou infeliz pelo fato de ter feito assim porque se houvesse chance, faria novamente. Talvez fosse mais sabido para ficar rico.

Ronaldo Junqueira: O que o senhor acha que o jornal tem que fazer nos próximos anos?

Edilson Varela: Tem que acompanhar o progresso da cidade. Não pode ficar atrás. Mas nós fizemos muita coisa já. Nós montamos o primeiro off set, nós montamos composição fria, nós fizemos esse prédio aqui que foi feito todo praticamente por nós. Ainda falta muito. Por exemplo, informatização, temos que fazer. Circulação nacional também é importante.

Ronaldo Junqueira: O senhor que foi criado na escola de Chateaubriand, esteve com ele, parece que o senhor nunca adotou um tipo de gestão parecido com o dele.

Edilson Varela: Não, nunca. Mas, quem adotaria? Ninguém fazia o Chateaubriand fazer uma coisa porque estava agradando a A, B ou C. Eu me lembro uma discussão que tive com ele sobre o nome do Diário da Serra. Ele queria que o jornal se chamasse Serra do Maracajú. O jornal já estava quase pronto e eu vivia teimando que, quando chegasse o homem da publicidade para vender o anúncio, com esse nome não daria certo. Mas ele também teimava — até que às vésperas de inaugurar ele admitiu a mudança. Ele foi muito feliz enquanto viveu.

Ronaldo Junqueira: O senhor é da geração que viu começar a participação das mulheres nas redações dos jornais. No começo o senhor era contra ou não?

Edilson Varela: Naquele tempo não havia isso, mas eu admitia.

Ronaldo Junqueira: O que o senhor poderia chamar de uma grande tristeza que o senhor teve no jornal?

Edilson Varela: Cada vez que nós perdemos um companheiro nosso assassinado. O Mário Eugênio foi um acontecimento tristíssimo.

Revelações no papo de amigos

RONALDO JUNQUEIRA
Editor-Geral

Era para ser apenas uma entrevista, sobre os 30 anos da cidade e do CORREIO BRAZILIENSE. Acabou em conversa amena entre amigos que há muitos anos conhecem a cidade e o jornal. O entrevistado, Edilson Varela, fundador da cidade e do jornal, superintendente da S.A. Correio Brasileiro, quando reunidas a cidade e o jornal, faz até coisas que detesta, como falar. O texto que publicamos a seguir é resultado de uma entrevista gravada de 40 minutos que eu e Ari Cunha realizamos com Edilson no começo da semana.

O jornalista Edilson Varela continua acreditando firmemente na cidade e no seu jornal e não arreda pé da sua posição intransigente de assegurar às futuras gerações de brasileiros

uma cidade boa e segura para se viver. O depoimento traz à tona também muitas histórias e estórias sobre os primeiros e difíceis tempos da cidade e do jornal, lançando também algumas luzes sobre a alma enrustida desse potiguar que caiu no gosto e no respeito da comunidade brasiliense. Um aspecto elucidativo sobre a forma democrática como Edilson vem dirigindo o jornal nos últimos 30 anos: ele foi e continua contra eleições em Brasília e a venda dos apartamentos funcionais. Apesar de o jornal ter refletido essa posição nos seus editoriais ao longo desses anos, ele nunca permitiu que o noticiário do CORREIO BRAZILIENSE fosse utilizado para torpedear as eleições ou venda dos apartamentos. Nessa forma de agir, certamente, reside boa parte de uma receita de sucessos que está completando 30 anos.